

A PATRIA

ORGÃO REPUBLICANO DO CONCELHO DE OVAR

Administrador — Fernando Arthur Pereira

Rua das Figueiras

Director — Antonio Valente d'Almeida

Redacção: Rua de St.ª Anna

PUBLICAÇÃO SEMANAL

ASSIGNATURA

Em Ovar, (villa) semestre	500 réis
Para fóra da villa, Continente e Africa, semestre	600 >
Brazil, semestre	700 >
Avulso	20 >

Propriedade da Empresa do jornal "A PATRIA,"

Composição e impressão — IMPRENSA CIVILIZAÇÃO
de Viuva Lemos & Gonçalves

RUA DE PASSOS MANOEL, 211 & 219 — PORTO

Annuncios: 1.ª publicação, 40 réis a linha. Repetições, 20 réis
Permanentes e reclames a preços convencionaes.

Communicados a 50 réis a linha. Aos assignantes 25 % de abatimento

A inanidade do poder

Entre os males, que affligem o paiz, avulta a crise moral, aggravada com a pouquidade intellectual, que actualmente deshonestas as cadeiras do poder. Com effeito nada mais insensato, nenhum crime de maior hediondez do que essa trama tenebrosa, com que o governo, a contento e instigação da reacção desalmada, pretende lançar portuguezes contra portuguezes.

A' hora em que a nação se debate perante uma crise, que ameaça subvertê-la, em que a divida fluctuante, como *avalanche* medonhamente crescente, ameaça esmagar-nos, á hora em que a sociedade vive em continuos sobresaltos sob os boatos mais terroristas, espalhados presumidamente pelos *judeus* da finança, á hora em que o Douro se contorce nas vascas da fome e o resto do paiz se não refocila na abundancia, o que faz o governo?

Manda ameaçar o povo com as *carabinas* da policia, pensa em augmentar a *guarda pretoriana*, fornecendo-lhe *metralhadoras*, e parece regosijar-se com a instabilidade, pois não faz o minimo esforço para manter ou restabelecer o equilibrio. O seu chefe debate-se com cynismo e ardôr por conquistar a hegemonia do seu partido, comprando correligionarios com a facilidade com que se arrematam espolios baratos, offerecendo-lhes pariatos, governos civis e regedorias ou sentando-os á meza redonda no hotel da Nação, enquanto a nau do Estado a custo se aguenta nas alterosas ondas da tyrannia, da concussão e da ineptia, sem timoneiro sabedor e dedicado, que queira e possa levar a porto de salvamento. Nem para si guardam o bólo!...

Sim. Nós já admittimos, que se não inspirem nos altos interesses da Patria para a restituir, livre e forte, ao lugar que lhe compete entre as demais nações; nós já não queremos, que cultivem com amor este bello *limoeiro*, que se chama Portugal, para o engrandecer, para que cubra com a sua som-

bra protectora este povo, que deseja e tem direito a ser feliz, para que com o *sumo* dos seus fructos, dessedente esta gente avida de Justiça e Liberdade, mas tão sómente para *ao menos* o espremerem em proveito proprio. Mas nem isso!...

A triplice oligarchia, buropluto—theocrato, que faz os ultimos esforços para continuar no logradouro privativo de tão fertil *planta*, deixa-a estiolar á sombra dos seus desmandos, deixa-a perecer na atmospherá do seu egoismo, rancôr ou incapacidade! Justifica assim em certo modo a intervenção *extranha*, de quem tenha interesse em explorar as nativas riquezas d'esta infeliz Patria, as energicas virtudes d'este heroico povo! Depois... havemos de receber a regateada côdea dura do pão negro pela mão do *estrangeiro*, havemos de mendigar as subsistências com a *golilha* da servidão! Ou nomadas de nova e mais ruim especie havemos de, pela Europa fóra, dar o espectáculo dos maltrapilhos, que esmolam as migalhas quotidianas, cantando com pungente nostalgia as canções do seu paiz!

Pois não conviria muito a essa raça de insensatos egoistas e mediocres vaidosos tratar com carinho e esmero, com justiça e bondade, este paciente povo tão sentimental? Pois não deveriam *explorar* com sciencia e consciencia a fonte do seu bem-estar, da satisfação dos seus caprichos? Pois não estaria n'isso o prolongamento da sua culminancia, ou pelo menos o adiamento da sua decadencia?

Parece-nos bem, que o commodismo d'essa gente mais teria a lucrar com o respeito das franquias populares do que com o seu cerceamento, que o desvairamento do poder vae executando e promete intensificar.

E' rematada loucura pretender a esta hora alta da civilização contrariar a corrente democratica, que não é d'este ou d'aquelle paiz, mas sopra intelligente e velozmente por todo o mundo; o mais rudimentar instincto de conservação aconselharia a *contemporização*.

No emtanto o hebetismo do poder pensa em apagar a fome de um povo inteiro a balas de Kropatschek, como se ellas não devam *ricochetar* no arnez da Justiça, que assiste aos que reclamam moralidade, economia

e fomento, indo ferir em cheio os delapidadores do thesouro publico.

Imaginam porventura os casuaes dirigentes d'este paiz que se esmaga um povo a golpes de irracional *sesarismo* ou a cornadas de rancorosa intolerancia?! não vêem que este povo tem uma historia sufficientemente brilhante para se não deixar morrer covardemente, miseravelmente?!

Chacinem, fuzilem, fartem-se de carnagem, que das cinzas dos mortos renascerão os martyres da Patria immensamente multiplicados, como a phenis da fabula, e o dia chegará, bem cedo, em que será impossivel domar as hostes liberaes, em que o infeliz Prometheu quebrará de vez as cadeias, que o prendem ao rochedo do preconceito, do absurdo e do privilegio.

Armem a policia de *carabinas*, augmentem a guarda municipal e forneçam-lhe *metralhadoras*, que tudo será inutil perante a onda avassaladora da Verdade.

O colossal poder tyrannico dos Orléans tombou perante os *direitos do Homem* e a monolithica masmorra da Bastilha abriu as suas portas ao som dos hymnos patrioticos.

A aguia napoleonica, que parecia dominar o mundo, cahiu mortalmente ferida em Waterloo e foi morrer ao desamparo e humilhada na ilha de Santa Helena!

Galileu venceu o ainda hoje enorme poderio da Igreja Romana e a doutrina—humilde e amor—de um filho do operario de Nazareth abateu a soberba dos phariseus da Synagoga!

E' que todos estes poderes eram falsos, assentando em bases irracionaes e alimentando-se da ignorancia dos homens, e foram obrigados a ceder ás ideias do Progresso, que não admitte senão uma soberania— a soberania do povo, e não comprehende senão um privilegio—o do homem sobre a Creação.

Epaminondas.

A OBRIGA

Trajedia

Impressões minhas, reproduzidas, apossimadamente, como as senti

abalando-me, trazendo-me fora de mim por longas, anciozas horas, bastem por hoje:—tão só.

D. Carlos e o Principe Real monteados a tiros de carabina humanalmente findando na egualitaria exasperação de um *iluminado* terrivel que, cara a cara, os espionara e os prostrou num minuto... manhá cedo acordam-me com a noticia, correndo o mundo de lez a lez.

Mas como—não era isso uma galga, ainda uma *blague*—tremenda?...

Podia lá sêr tão de chofre, tão formidavelmente severa a assombroza occorrença!...

Pois era lá possivel—a queda, assim tão tremendamente!...

Fôra porem, e sem dubitativas razões; lá vinha nos jornaes do Porto dessa manhã de 2 de fevereiro, a grandes letras, atraindo a duvida:—inexoravelmente assim fôra.

Pajinas cheias que nunca li, prezo á ficsidez do relato no embuçado, impreteritidamente, apontando; como um juiz, matando.

Pormenores, as notas que o periodismo á lufa lufa entulhára;—nada vi, nada mais, e, dentro em pouco, nem isso.

Pareceu-me que sobre mim se estendera a perder de vista a v-zualidade do delirio,—toda uma especie de pezadello com homens terriveis, mas cercados de magnificente e cegante aureola, apontando, sombriamente, ao arcaboço de um gordo sujeito cheio de pasmo, e tão majestozo na sua *tenue* rotunda que as balas o percorriam, o perforavam—sem nunca o ferir. Vi-me na rua falando, sem necso inquirindo, o quê, não sei, não me recordo, na confusão desses primeiros instantes. Tinha necessidade de andar, como alquem que sente as pernas dormentes, precisão de movimento, de agitação, de espaço. Cercava-me a imaginativa bizarra, o insolito, as figuras, por fim, esfumavam-se, perdiam relevo e carater; e o que me aparecia, de frente, era um filete de sangue, saindo não sei d'onde.

Horas, toda uma estirada manhã, durou essa aguda lucinação.

Nas ruas, nos costumados centros do cavaco faziam-se interrogações, e aventavam-se hipotezes; impaciente esperava-se por noticias. O que terá havido depois, e, anciozamente, os ouvidos punham-se á escuta, interrogando o horizonte sereno, serenamente impassivel. Para a tarde tomou nos de novo a febre e lá fomos, automaticamente, á estação; na esperança de que nos dissesse o comboio o que tinha havido, subsequentemente, todo esse dia em Lisboa.

Para o sul, porem, tudo era tranquilidade; o comboio passára sem uma noticia, e o anoitecer, socegado, era na verdade bem extranho ás nossas cojitações dolorozas.

Emfim, socegado, com uma sensação de alivio e pacificação, sentei-me a coordenar as ideias que se me baralhavam na mente.

Ah! realmente, havia nas forças raciocinantes do homem imensa exata fraqueza, e extraordinaria ignorancia... Quatro dias antes do rejeido a rebelião havia sido esmagada; e vencia enxovalhando, assassinando, a ditadura feroz.

Os seus inimigos prezos inutilizados para a rezistencia, os que fruiam ainda de liberdades ficitias amarrados de pés e mãos ao horrozozo decreto de 31 de janeiro,—por toda a parte a suspeição e o terror, o desalento das cauzas irremediavelmente vencidas. A ditadura iria deportar os prizioneiros, atulhar com levas de condenados as penitenciarias e os prezidios, e,—ai de nós!—o labaro da Revolução não havia braços bem fortes que o erguessem ao ceo num clamar de victoria, num impeto dominador de justiça.

Tudo perdido, tudo desfeito;—centenas de familias em luto, e tantos, dos melhores entre os portuguezes, completamente perdidos:—para a patria, para a liberdade, para os amigos, para as familias!

Ah! o tórvo, o tenebrozo ambiente que nos oprimia, irrespiravel com um veneno fluido... Que angustia, que desesperação sem remedio!...

E na dispersão da derrota fitavamos-nos vexados pela nossa pusillanidade conformista, pelo nosso aniquilamento quasi sem luta—em nós, houve apenas a espetativa.

... Mas, lendo o monstroozo decreto, na vespera do rejeido Manoel Buça, impassivelmente, encaixava as balas á carabina. Emquanto os outros choravam, metodicamente, preparava elle a surpresa extranha do 1 de fevereiro...

O resto, sabem muito bem como se passou.

Antonio Valente.

ECOS DA SEMANA

Tolerancia catolica

Em S. Paulo (Brazil) anuncia-se, para breve, a inauguração de uma estatua ao heroe da unidade italiana—Garibaldi.

Pois como se dê o cazo de o grande patriota têr sido um intemerrato livre pensador, como tenha sido o conquistador da *Cidade Eterna*, em cada devoto imbecil é natural o odio catolico contra o grande nome e a nobre figura. D'ahi, para os fieis de S. Paulo, o desespero de gramar uma praça publica o bronze de Garibaldi!

Fulos de tolerancia inquizitorial—protestam, pateando, a vêr se espantam o heretico.

E não reparam, as pobres bestas, na gargalhada das galerias.

Historia alegre

Resam os jornaes em largos relatos que o snr. José d'Azevedo offendeu o snr. Wenceslau de Lima, ministro dos estrangeiros. *Duellaram* e este arranhou aquele ficando salva a honra do convento que é como quem diz dos brigões. Mas as taes ofensas ficaram escritas da mesma forma e a subsistir idem. No fim muitos cumprimentos, felicitações, etc.

A policia de nada soube, nem mesmo sendó, como foi, anunciado pelos jornaes com bastante antecedencia.

O snr. presidente do conselho

conferenciou até pouco antes com o colega W.

Com isto se ofenderam 2 preceitos o *divino* e o *legal*. O cod. penal pune a simples provocação a duelo. Se não resultar impossibilidade de trabalho por muitos dias, o ofensor deve ter prisão de tres a desoito mezes... fora a multa. E segundo o artigo 388 (desculpem-nos os advogados) se o criminoso for *empregado publico*, pode juntar-se a pena de demissão.

Quanto ao divino teve o snr. Wenceslau o cuidado de se absolvêr que não fôsse o diabo armal-as.

Resta a infração á lei do paiz feita por um ministro d'estado.

A lei do paiz! Ora adeus!
Ainda ha cada parvo!

Schah em suores

Da Havas: «Na Persia ha desordens importantes ao sul do imperio. E' gravissima a situação do Schah» Não ha que vêr, engolem-no, os endiabrados revolucionarios de Tabris.

Horrores

Da Russia: «Na provincia siberiana Holyma, os indjenas, absolutamente privados de pão e de carne, devoram os cadaveres dos companheiros.» Esperem ahí, seus famintos, que d'aquí a nada lá chega a *caridade-força* do Nicolau, e a *excumunhão esmola* do Santo-Sinodo.

Entre nós

Ha fome—no rigor do termo—em varias rejões do paiz e no Douro, nomeadamente. Para essas couzas não se repara, absorvida como a sensibilidade do publico pelas desgraças da Italia. Já aqui, por mais de uma vez, definimos o que a nosso ver seria a boa doutrina, não repizamos portanto.

Agora queremos, unicamente, dizer que tão sensível é a desgraça do Douro que, nem ao menos um terremoto lhe coube em sorte, á causticada rejão. Pois de rendimento são eles, e vamos lá que valiam seguramente por duzias de boas exportações uns tremozitos de terra. A experimentar—e sem remoques á Italia, visto cá em caza não existir o modo de vêr *austriaco*. Fome no Douro e noutros pontos,—pode dizer-se faminto todo o paiz—pois a toda a parte a miseria chega. Mas não ha duvida que vae render grossa soma subscrição nova do «Seculo» mail-a mais nova de «O Dia»...

Depois da esmola ter abalado, bem empregada embora, mas necessaria cá dentro, e num cazo mesquinho de intra-muros, não sancionado pelo *bom tom!*—Que os paes e mães da caridade não dão vintem a piolhosos...

Alivio

Até ao dia cinco fica avizado o contribuinte que pode dormir em socego. Mas nesse dia, *bon gré mal gré*, tem de chegar ali á recebedoria com os cobrezitos, pagar o tributo ao estado. Succede, ás vezes, o empregado sêr um amavel e delicado parceiro o que não impede a sensação dolorosa, mixto de revolta e de desespero, com que o ganhapão e o pequeno burguez se desfazem do dinheirinho, tão penozamente juntado, ali ao fundo do bolso Dias de sacrificio, privações, trabalho herculeo e constante, repr sntados na soma que o recebedor indiferentemente arrecada, e que, lá no alto, indiferentemente esperdiçam. Grande materia para pintores, romancistas, postas e esculptores;—o zé pagante apanhado nos instantaneos do pagamento da decima!.. E' um *assunto*—sabei-o vós, madraeiros.

O buena-dicha

«Dunguinha», o adivinho de «A Epoca», promete para o mez ventozo em que agora entrámos o bom, o

bonito, o singular, o mirabolante. Ora, como é possível que o tenham lido, e se acreditem no que ele afirma, nós queremos prevenil os, á boa paz e para evitar deceções, de que «Dunguinha», em adivinhices é cada palavra um estenderete, precalço de quem muito fala e, deradamente, bem erra. Muita intrujice tem dito e muita ainda dirá, vão-se com esta os incautos, á vida que a morte é certa.

Medidas de fazenda

De chapa tem os jornaes inserido o reclamo da remodelação tributaria que Espergueira—of—subscritos tenciona levar ás cortes no ano de graça em que elas venham a abrir. Muito tem trabalhado o extraordinario estadista nos negocios da sua pasta—assim diria Pacheco—e na salvação do paiz...

Mas remodelação tributaria, como chacota, é perfeito.

E', no entretanto, os adeantamentos continuam, como se sabe, no estado larvar de ninfa. Venha de lá a borboleta...

Um ano de reinado

Faz agora um ano, precizamente. Apoz a tragedia, unica na historia, conhecida pelo 1 de fevereiro, D. Manoel foi aclamado rei—em que circunstancias e em que condições gravissimas ninguem ainda o esqueceu.

Muito novo, inexperiente, ineducado para monarchia, o novo soberano, apezar da idade e da ignorancia, deveria ter prezente, constantemente, a recordação do atentado terrível a que pessoalmente assistiu.

Esse espectáculo horrendo não se lhe pôde, forçosamente, obliterar da memoria, e isso, conjuntamente, devia tornar-se para o novo rei objecto de meditação, de consciencia do mundo que o cerca, de ensino—doloroso, mas decerto util.

Ha um ano, precizamente que é rei D. Manoel II. Pois bem.

Acazo, a lizão horrivel do 1 de fevereiro a despediçaria o monarca. e a não considerariam os seus amigos, e os seus leaes conselheiros?...

Acazo tudo continue, como então, e, agravadamente, na mesma?...

Vejamos. O reinado anterior foi arrastado até ao golpe do rejicido pela ambição desenfreada dos seus amigos, pelo máo, pessimo uzo do poder, pelos esbanjamentos, pelo desprezo dos intresses publicos, pela politica autoritaria e caracterizadamente absolutista de D. Carlos e dos *executores das suas ordens*, por erros de toda a especie elevados á categoria de sistema administrativo, por compressões e burlas continuas, por *adeantamentos*, por *actos de força*, e pela liquidação e descredito dos partidos constitucionaes.

O franquismo foi uma consequencia organica dos predecessores rotativos que o tornaram possível e fatal, e a sua politica á *Conde de Basto* mentiroza e burlista, traçoira e infame, foi, lojicamente, uma derivante da defeza da monarchia, e da consolidação da doutrina do poder pessoal do rei:—teoria de Oliveira Martins, e obra dos partidos.

Morto porem na ocazião, o franquismo, vencida a sua politica, suhjugadas as correntes retrogradadas e nocivas que o empurravam para o duelo,—a monarchia, já que a fatalidade das couzas a não subverteu expulsando-a—, não deveria, ao meno, mudar de vida, ao menos seguir moderna e segura orientação? Devia-o, e tanto era evidente essa obrigação que a primeira palavra dos seus amigos, e o primeiro brado dos seus agentes, impressivamente, foi este: *acalmação, vida nova*... E' volvido um ano de reinado novo, um ano passou depois da tragedia.

Continua na mesma o processo de compressão e de ameaça, continua a mesma monarchia antiga com os seus erros, com os seus homens cheios de descredito e de desprestiji!

Foi no novo reinado que se deu o cinco de abril, a perseguição a

pacíficos cidadãos, á ilegalidade constitucional da não abertura do parlamento, as perseguições á imprensa, as buscas domiciliares, os preparativos de pavorozas; e o rejime de terror e de insegurança que agita o paiz ha algumas semanas. Nenhum problema nacional encontrou no novo reinado já não d'zemos solução, mas, pelo menos, programa fisco de se solvêr.

A instrução popular continua no estado antigo, vergonhoza e irrezolvel, e com o problema da instrução, em igual desleixo, em absolutamente igual abandono, o problema da defeza nacional, o das liberdades e direitos do cidadão, o do fomento agricola comercial e industrial; o problema da administração das colonias, o do imposto, o de novas legislações:—tudo emfim está por fazer, por remodelar, por sapear, justamente neste novo reinado que ainda não trouxe palavra alguma de paz, de confiança, de tino, de boa vontade, de acção fecunda! Debalde se prometeu, se especulou com a mocidade do rei, e com as circunstancias sombrias que o elevaram ao trono. Do novo reinado o que temos, alem de massacres e de vinganças, é uma porta falsa venal no artigo 5.º do decreto dos adeantamentos, é uma viagem real ao norte de propaganda reacconaria e de resultados, economicamente, nocivos; e tambem uma crise de ministério urdida indignamente no paço, e para fecho, conclusão, a falta de palavra de El-Rei nos seus protestos obediencia á constituição do paiz.

Não é pouco para nos dár a medida do erro inicial do rejime, e é já bastante por um ano mais que perdemos na faina de crear uma patria nova:—honrada e livre. O conflicto profundo entre Portugal e a monarchia não o sanou, como afirmaram certos monarchicos, o advento do novo rei. Esse conflicto permanece no seu estado violento e critico, porque se ha um rei novo no trono, em todo um ano de reinado novo—nada—absolutamente nada mudou. Subsistem na mesma, senão agravadas, as causas que deram razão aos adversarios da monarchia,—porisso, enquanto não a expurgarmos do solo amado da patria não teremos paz, nem confiança em nós mesmos.

ARA

O' Virjens que passaes ao sol poente, pelas estradas ermas, a cantar!
Eu quero ouvir uma canção ardente, que me transporte ao meu perdido lar.

Cantae-me nessa vóz onipotente,
o Sol que tomba, aureolando o Mar,
a fartura da seara reluzente,
o vinho, a graça, a formozura, o luar!

Cantae! cantae as limpidas cantigas!
Das ruinas do meu Lar desaterrae
todas aquelas iluzões antigas

que eu vi morrer num sonho, como um ai...
O' suaves e frescas raparigas,
adormecei-me nessa vóz... Cantae!

Antonio Nobre.

Alma Humana

Entrou, em Aveiro, pelo braço de um joven e belo oficial que ao despedir-se ma recomendou, carinhozamente.

E enquanto pela portinhola da carruagem eu vejo, distraidamente, o panorama de pinheiras, veigas e terras de vinha desdobrando-se por toda a fertil e pitoresca Barrada, no seu cantinho, curvada, a velha senhora, silenciozamente, chora a sua dôr profunda e irreprimivel.

«E' o meu unico filho... Vocencia desculpe se incomodo; mas não posso, não posso!»—Absolutamente nada, mas V. Ex.ª deve orgulhar-se pelo seu filho, bela posição, porte magnifico—nenhum receio de guerra e proximidade da familia, não é detestavel, bem vê.—«Não—mas a vida... posso lá gostar de tal cou-

za. Somos de Canas de Senhorim, e vim a Aveiro festejar com ele os meus anos, os meus 60; quem sabe lá se o torno a vêr...»

E interrompe a conversa, soluça, enquanto o comboio avança, e leva mais para longe;—separando-a mais do seu filho. Avança, resfolga pelo pulmão de ferro, cortando estradas, ribeiros povoados e fazendo dançar ás arvores o minueto de S. Vito. Pampilhoza!.. E a marcha vae afrouxando, passa as agulhas, pára. Descamos, conduzo-a á carruagem da Bira, e arrumo-lhe nas prateleiras a escassa e leve bagagem. Apressado, digo umas banalidades de cerimonia e conforto, e despedindo-me, abanco á mesa do almoço. «Os senhores passageiros que seguem para Lisboa queiram tomar os seus logares» previne o empregado da linha, arrastando a sua voz lenta...

Lá me encôsto ao meu canto, o comboio abala de novo, e entre as baforadas de fumo entretem-me, ao lonje, o relevo dos montes que se escalonam por essa magnifica e forte terra da Beira, chão natal da velha senhora, choroza de saudades do filho. Ah! que triste! Que triste para as amarguradas das mães, vendo fugir-lhes os filhos, luz dos olhos, tremulos já pelos anos, pelo pranto; fatigados por tão agudas insonias quando o seu bem adoce, ou anda triste, ou corre riscos no mundo!..

Aquela pobre mãe, velando o filho na tranquillidade da sua boa caza provinciana, foram em nome do Dever, e invocando a Honra, arrancar-lho para o levarem ao rejimento, á aprendizagem da guerra. Tão lindo o ceo em redór, tão majestozos os montes, tão verdejantes e rumorozos os vales, tão fresca a agua dos pòços;—e a lareira tão illuminada, tão aconchegada;—que até é mesmo um grosseiro crime abandonal-os, fugir-lhes.

Mas o devêr—mas a honra!..

Tece-se o veo das mentiras, in voca-se o nome, Patria, como se o mundo não fosse todo o mesmo berço comum, como se todos os militares não tivessem recebido a vida no ventre fecundo da Mulher; e como se a natureza cavasse fossos, alem dos rios—que são as veias da Terra; e baluartes, alem das montanhas—que são a espinha dorsal do mundo. Preconceito—diviões vãs, falsidade que se nutre de morticínios, clamam filosofos; mas não nos abalam a crença barbara nem os soluços da mãe, nem as suas lagrimas sem conta, nem o seu desespero sem fim... quanto mais Filosofia!..

...E' forçozo partir, e d'uma arrancada desprendem-se os braços cheios de saude da anciã lacrimoza, convulsionada, tremente na vibração dos soluços.

Que desventurada sorte a das mães, e que honroza condição para os filhos,—deixal-as para cumprir o sacrificio terrível:—o rejimento, o culto da morte, a profissão de matar.

Ah! como seria bem empregada uma Revolução que acabasse por levar a um forno espadas e espingardas, canhões e revolvers, e de todo esse rio de metal fervente fizesse alviões e picaretas, enxadas e ancinhos, rails de caminhos de ferro, pontes, marquizes de estufas, enjenhos uteis de toda a especie; rodas, motores, alavancas;—que bela Revolução, assim feita!..

Minusculus.

CHRONICA AGRICOLA

XXVIII

Viticultura—a pódá

Interrompo hoje a série de chronicas que vinha escrevendo sobre *Terras* por a actualidade do assumpto d'esta chronica tornar necessaria essa interrupção.

Toda a gente que tem videiras as pódá ou manda podar, mas poucos, interrogados sobre a razão porque o fazem saberio apresentar ou-

tra que não seja a dos outros fazerem o mesmo.

Para muitos será motivo d'espanto o affirmar-se que a videira podada dura muito menos que a não podada e que até esta dá no primeiro anno colheita mais abundante.

Sendo assim parece que não se deve podar. Mas a verdade é que a contrapór áquellas vantagens nós temos a favor das pódas que com ellas, as videiras occupam muito menos espaço, fructificam mais cedo e em média mais abundantemente, mais regularmente, e facilitam os trabalhos culturaes *indispensaveis a todas as cépas*. A vinha não podada, produz cachos muito mais pequenos, menos succulentos e que nunca amadurecem tão bem.

Sem pódá como conservaríamos as videiras no espaço em que com ella conservamos? Era impossivel.

E como o homem não hesita em contrariar a natureza sempre que isso lhe é necessario e importa um mal menor, adoptou a pódá da videira como regra que é universalmente seguida.

Essa operação, porém, está sujeita a uns preceitos e cuidados de que não nos podemos afastar sem prejuizo para as videiras o que afinal representa o nosso proprio prejuizo.

Em primeiro logar não é coisa de pouca monta a escolha da *Epoca da pódá*.

A sciencia e a pratica indicam-nos d'uma forma geral que ella deve fazer-se durante o descanço vegetativo da planta, desde que esteja completamente despida de folhas.

Temos outros preceitos a attendêr; assim convém evitar a acção prejudicial de neve sobre os cortes, e rebentação temporã porque pôde ser prejudicada e muito pelos frios do começo da primavera.

Ha quem aconselhe e verdadeiras autoridades no assumpto, a pódá feita em abril e até em maio, só depois de se vêr a amostra dos cachos; mas parece-me isso exagerado.

O que não duvido aconselhar é a pódá no tarde, isto é, de fins de janeiro a meados de fevereiro.

E não se assumem com o choro da videira que á primeira vista parece prejudicial, porque a analyse d'esse liquido mostra que elle é constituído na maior parte por agua, sem arrastar principios nutritivos que seja preciso tomar em conta.

Demais em experiencias feitas por agronomos sobre cépas d'igual casta e em egualdade de circunstancias podadas umas cedo e outras pegadas áquellas podadas tarde, todas as differenças são a favor d'estas; a vegetação nada soffre, a produção é maior e ás vezes tambem é maior a gradação alcoolica do vinho por ella produzido.

Resta-nos saber como se faz a pódá. Ha varios systemas largamente adoptados e defendidos; mas como eu não venho escrever um tratado sobre *Pódas* (nem para isso tenho competencia) indicarei o que julgo melhor o adopto.

Na *pódá de formação* deixa-se a vara mais forte e direita com 2 a 4 olhos. Na de *fructificação* temos d'attendêr a varias circunstancias; tem-se notado que salvo raras excepções (*Aramon, Carrasquinho, Preto dourado, Folgado, Negra mole*, etc., as videiras ou nada produzem ou tem uma produção muito resumida até ao 4.º olho, convido portanto aproveitar-lhe os d'ahi em diante.

Mas isso levar-nos-hia a estender demasiadamente a cépa o que tinha muitos e variados inconvenientes.

Seguem-se por isso varios systemas: ou deixa-se uma vara que se *empa* (geme) por cima do 3.º olho aproveitando estes para, pelo seu maior desenvolvimento, darem a pódá do anno immediato, ou deixa-se além da vara e abaixo, um *talão* com 2 olhos que produzindo 2 varas vigorosas nos garantem a pódá futura e tirando vigór á vara lhe augmentam a fructificação.

Chama-se a esta pódá—*Guyot*—(nome do seu inventor), e é a que mais me satisfaz e que é mais aconselhada por quem sabe.

E' preciso attendêr cuidadosamente ás seguintes regras:

1.ª A vara deve ficar assente na vara do anno anterior ao em que se pódá.

2.ª O talão, com 2 olhos, fica por baixo d'aquella vara, e do lado opposto.

3.ª Suprimem-se todos os outros rebentos e varas.

4.ª No anno immediato, corta-se a cépa por cima do talão; e como este tem 2 varas fica a de cima para vara de fructo e deixa-se novo talão de 2 olhos na de baixo.

E assim successivamente.

Por hoje quero apenas dar um concelho mais: os golpes na cépa não devem ser muito rentes por cauza da geada; quando cortarem a vara façam-no em um *entre-nó* que por ser mais rijo deixa a vara mais protegida contra a neve e contra os bichos. Apesar d'isto não ser um sistema de pódá mas uma modificação, chama-se-lhe *pódá Desimeris*, mas o nome pouco importa e é devido ao seu inventor.

Desprezae sempre as varas assentes na inserção da velha com a do anno anterior ou como se diz vulgarmente *que está no fogo*.

Licção perdida

Foi ha um anno.

Recordemo-la. Eram, havia dois annos, já governo d'este pobre Portugal, roubado e pacientemente escarnecido, mystificadores abjectos tornados em pouco em conscientes assassinos. A sua pernicioso acção foi exercida em duas phases—a mentira e o crime. Esta foi função da primeira. Conhecida a burla de

tão desgraçada aventura, em que como palavrosos charlatães nos iam propinando um mortifero veneno como se fôra um antídoto miraculoso, elles não puderam suster mais a mascara do seu liberalismo refalsado; cahiu-lhes, e o povo atrou-lhes ás faces cynicas e torpes o seu desprezo, as vaias e as gargalhadas. Nos fins da primavera de 907 tendo latejar-lhes no rosto os sulcos arroxeados das vergastadas do apupo, apoderou-se d'elles o desvario cafreano e homicida; e revolvendo no lodagal pestilento dos seus cerebros cominhos as ideias mais carnicieiras e vingativas, provenientes n'alguns de um verdadeiro atavismo, só ali encontraram a desmedida ambicção do poder pessoal e absoluto, para com elle se desaffrontarem de quem lhes pisava a mascara artificiosa, cahida e amarrotada aos pés de tão plantásticos burlões. As suas medidas são «ukases», as leis corrompem-se, assalariam-se delatores.

A acção da dictadura estende-se a um vergonhoso suborno, a clericalha incendiaria pavonea-se de bem-estar com a obra dos dictadores para gaudio do seu Deus, aquelle que exerce a escravatura pelas nossas possessões, que tem livros de cheques de casas bancarias, que insprava Torquemada e Ignacio de Loyolla e se saciava com os gritos lancinantes das victimas da Inquisição, d'esse tribunal diabolico que enodeia as paginas da nossa historia com manchas immorredouras! Sim! o seu Deus é aquelle, e não o simples e misericordioso, nascido entre a plebe, caminhando pelas asperzesas dos montes para ir levar allivio a qualquer desventurado, que fez a moral mais bella que a humanidade possui e que só queria a doce fraternidade!

E é representando esse Deus pobre nascido n'um pequeno estabulo, que hoje existe na terra o seu vigario que atira o seu sapatinho recamado de ouro e de pedrarias aos peregrinos para que o beijem!

E enquanto, ia eu dizendo, o maldito franquismo vai alargando os seus tentaculos guarnecidos de causticas ventozas, os outros monarchicos, escorraçados do poder, vilpiciosamente, para a rua, só tem tempo para se curarem das chicotas das dadas pela mão do seu amo e senhor.

A dictadura tripudá; outomno de 907 já nos deixa; decretos liberticidas succedem-se.

Ha já saugue empoçado que grita vingança; multiplicam-se as ordens para que se ponham de vago mais casas infectas por já estarem cheios os carceres, e é d'estes que, consolador e extenuante, explae o alento que nos retempera as nossas energias redemptoras. O anno de 907 deixa-nos com consoadas de dor e sofrimento, de duvida e desasocego.

Entramos por janeiro com a esperança amada e sequiosa de no altar da Patria de xarmos a offrenda d'um consolador sacrificio.

A ideia do exterminio já lateja nos craneos dos dictadores; estes, tigrinamente provocam a carnificina; a delacção campeia; todas as liberdades se algemam com os grilhões do absolutismo; este torna-nos violenta e traiçoeiramente aphonicos com as suas mordacões da Edade-Média.

Dir-se-hia que era morto um povo de tamanhos, feitos historicos, que ha longa data foi conquistando palmo a palmo pedaços de terra para se engrandecer, pagando em rútilo sangue os dominios de que se tornava possuidor; um povo que depois luctou com os proprios «elementos» n'uma refrega estupenda, rasgando a estrada immensa do mar e derrubando as lendas maritimas que a imaginação supresticiosa dos povos ia creando; um povo, enfim, que se hoje não acompanha as nações que seguem na vanguarda do progresso e da civilisação é porque a isso se tem opposto a poltiquice de algumas creaturas publicas que preferem sentir o estomago a abar-

rotar, a tratarem do bem geral e commum.

Em 28 de janeiro, aos dictadores afigura se lhes ouvir o ribombo do sagrado frémito revolucionario. Então na tremura do medo e no delirio do crime, arrancam de si a ultima ideia do seu pensar hediondo:—decretam a morte physica e moral.

Estamos em 31 de janeiro, dia historico que encerrava em si alguma coisa de phantastico, em que todos se entreolhavam com certa desconfiança, havendo em cada peito de portuguez verdadeiro um calor extranho como a rebustecer-lhe as fibras n'um grande desejo de resgate; a liberdade arroxeadá, exhausta e ensanguentada, já volta pelos paroxismos da morte sem contudo morrer. Morrer! Triste veleidade a vossa, senhores!

A liberdade não morre jámais. Olhem o que succede na Russia, por mais que a fera czareana ordene que tragam á sua presença as cabeças dos revoltados! Ella vive sempre quer seja nos labios e olhos ardididos d'um Gorki e outros filhos do povo, quer seja no géldido e sagrada carcere onde a heroina e immaculada Maria Spiridonova sofre o martyrio da bestial desfloração dos mastns pretorianos; nada ha que lhe detenha o seu grito de Justiça. Podem-na algemar, torturar; matar! nunca. E em Portugal tambem a ideia de Liberdade não poderia Morrer.

No dia 1 de Fevereiro, quando o Sol se afundava no horizonte em poente alaranjado, clarões sinistros sahidos d'um revolver e duma carabina arrombavam os carceres, desligando os pulsos de centenas de condemnados e a Liberdade derrama então sobre o povo um pouco de felicidade.

N'esta scena Dantesca, enquanto o sangue dos reis vai desaguar na poça do sangue do povo, os dictadores malditos fogem miseravelmente.

Cada um pranteia os seus mortos queridos!

Manoel Baiça e Alfredo Costa, são encerrados em sete palmos de terra, onde um manancial de flores lhes dá a nossa maguada saudade e a nossa veneração religiosa.

Do que levo dito, foi ha um anno! Uma licção perdida.

Nunes da Silva.

NOTICIARIO

Dia a dia

Fazem annos:

No dia 6 o nosso presado assignante Antonio Maria Marques d'Oliveira Santos.

E no dia 7, o nosso dilecto amigo Zeferino Camossa Ferraz d'Abreu, a quem n'um amplexo felicitamos.

—Vindo do Pará, chegou na ultima semana a esta villa em optimo estado de saude o snr. Julio Pereira Vinagre.

—Partiu segunda-feira para Lisboa, afim de assistir á assembleia geral do partido regenerador antehontem realisada n'aquella cidade, o snr. Isaac Julio Fonseca da Silveira.

—Regressou ha dias de Manaos o nosso patricio Joaquim d'Oliveira da Cunha.

Audiencia geral

No tribunal da comarca foi no dia 29 julgada em audiencia geral Mecia da Silva Lavoura, viuva, da Ribeira, d'esta villa, accusada pelo crime de infanticidio e enterramento de cadaver em local não apropriado.

Presidente do Tribunal, dr. Ignacio Monteiro; accusação, dr. José Luciano de Bastos Pina e defeza, dr. Soares Pinto; escrivão, Coe ho. O jury: Joaquim da Silva de Mattos, Manoel Dias de Pinho, José Maria Dias de Rezende, Antonio Bento da Silva Valente, João Pacheco Polonia, Manoel Pinto Romera, Manoel Marques d'Oliveira Cardoso, Antonio Godinho d'Almeida, Domingos Marques de Pinho e Antonio Maria de Moraes Ferreira.

Após a discussão da causa, o jury deu como não provado o crime de infanticidio e como provado o do enterramento do cadaver em contravenção das leis e regulamentos, sendo por isso a ré sómente condemnada em 6 mezes de prisão correccional, levado em conta o tempo soffrido, sellos e custas do processo.

A decisão do jury foi mal recebida pelo publico.

Fallecimentos

Falleceu ha dias em Chão de Maças, a avó e sogra dos nossos estimados amigos e correligionarios Luiz Ferreira Neves e Antonio Gaioso de Penha Garcia, intelligente director das officinas do caminho de ferro n'esta villa.

—Com 31 annos d'idade, falleceu no dia 26 de janeiro, sepultando-se n'esse mesmo dia á noite o snr. Manoel Gonçalves de Pinho, sobrinho e primo dos snrs. Francisco Ferreira de Pinho e Abel Augusto de Souza e Pinho.

A's familias dos extinctos as nossas condolencias.

Contribuições

Foi prorogado até amanhã 5 do corrente o praso para o pagamento voluntario das contribuições geraes do Estado, relativas a 1908.

Senhora do Rosario

Com selecta concorrencia realisou-se ante-hontem na igreja parochial a festividade da Virgem do Rosario.

Como era d'esperar dos distinctos oradores a quem estavam confiados os dois sermões foram magistraes, agradando tanto na elegancia da forma como na elevação das ideias.

Os Rev. Bruno Telles e Carvalho Maia revelaram mais uma vez entre nós os seus bellos dotes oratorios, deixando nos assistentes perduráveis impressões d'agrado.

A ornamentação do templo era simples mas de muito bom gosto.

S. Francisco de Sales

Como fôra annunciado, na capella do Calvario realisada foi domingo a festa de S. Francisco de Sales, levada a effeito pela sua associação que, perante a lei, é um contrabando.

Casa á cunha, graças á sympathia do seu pastor e das respectivas acolytas.

Foi pregador o Reverendo Antonio Rodrigues Conde, abade de Paramos, cujos sermões foram o melhor da festa. Olhos em alvo, pensamento em Padre Mattos, o orador chega a conclusões geniaes: 1.ª que a humanidade é filha do acaso; 2.ª depois de narrar que um imperador romano tinha um cão (e é o que ha mais) e, para que seu dono fosse conhecido, lhe mandara botar uma colleira d'ouro com o seu nome e com uma legenda—*não lhe toqueis; é do imperador*, concluiu quasi por aconselhar os fieis catholicos a usar colleira para se distinguirem da outra gente; 3.ª fazendo a apologia da liberdade, exemplificando-a n'um passarinho, termina desejando-lhe gaiola.

Um sermão pasmoso a que não fultou a parte mais bella dita em latim, para não cahir no desagrado de qualquer Capitão Mor.

Para um sermão assim de forma a agradar a todos, já é preciso ter lume... no olho.

Este reverendissimo filho... do acaso, fez-nos lembrar com o seu sermão um seu não menos illustre collega que dividiu o seu discurso em tres partes di endo: A 1.ª entendendo eu e não entendendo vocês; a 2.ª entendem vocês e não entendendo eu; e a 3.ª nem eu nem vocês a entendemos.

A primeira que eu entendo e vocês não é que me devem pagar as dizimas e oblatas em divida; a segunda que entendem vocês, que devo despedir a minha creada Maria Custodia e não entendo eu porque não encontro outra que me faça melhor a vontade; a terceira nem eu nem vocês entendemos, que é o Evangelho.

E assim foi a festa—fieis catholicos.

Misericordia d'Ovar

Subscrição

Transporte, Rs.	4:689\$920
Manoel Valente Frazão.	10\$000
João Valente Perfeito	5\$000
Alfredo Roiz de Pinho	5\$000
José de Pinho Saramago	100\$000
Francisco Marques da Silva e Costa	5\$000
João da Silva Adrião	60\$000
Eduardo Fonseca	2\$500
Anonymo	100\$000
Domingos Bonifacio	10\$000
Alves da Cruz & Irmão.	20\$000
Gomes Netto	20\$000
Dr. Francisco Antonio Pinto	5\$000
Felix Lopes Guilherme	2\$500
Nunes da Silva	5\$000
Belmiro Duarte	20\$000
Luiz de Mello Freitas Pinto	10\$000
Manoel d'Azevedo Brandão	5\$000
José d'Oliveira Gomes (Moledo)	5\$000
Domingos da Fonseca Soares	10\$000
Eduardo Ferreira	3\$000
Donativo d'uma commissão de Lisboa (1)	100\$000
Antonio d'Oliveira Gomes, de Lisboa	50\$000
José Gomes da Silva, de Lisboa	10\$000
Antonio Bazilio dos Santos, de Lisboa	10\$000
Manoel Rodrigues Duarte, de Lisboa	10\$000
Francisco André Boturão, de Lisboa	10\$000
Antonio Nobre, de Lisboa	10\$000
Francisco Gomes Leite, de Lisboa	5\$000
Manoel Rodrigues Pepulim, de Lisboa	5\$000
Manoel d'Oliveira Gomes Casca, de Lisboa	10\$000
Antonio Possante, de Lisboa	10\$000
Manoel d'Oliveira Gomes, de Lisboa	5\$000
Antonio Maria dos Santos, de Lisboa	2\$000
Arthur Boturão, de Lisboa	1\$000
José Pinto dos Santos, de Lisboa	10\$000
Ricardo Esteves, de Lisboa	1\$000
Antonio Rodrigues Duarte, de Lisboa	1\$000
Francisco Rodrigues Duarte, de Lisboa	1\$000
Francisco Pereira Neves, de Lisboa	1\$000
José d'Oliveira Janeiro, de Lisboa	500
Eduardo Fernandes Villa, de Lisboa	1\$000
Manoel José de Pinho, de Lisboa	10\$000
José d'Oliveira Possante, de Lisboa	30\$000
Somma réis.	5:385\$420

(Continúa)

(1) Segue-se o documento justificativo d'esta offerta:

Ex.ª Srns. Membros da commissão angariadora dos donativos para a cons-

trução do novo hospital da villa d'Ovar:

Os abaixo assignados, por iniciativa de Manoel d'Oliveira Gomes Casca, resolveram comprar um bisbete para a loteria de 21 do corrente e, dado o caso que fosse premiado com os doze contos (premio maior), fosse dado metade d'esse premio á commissão para a construção do hospital d'Ovar, não tendo havido qualquer outra combinação.

Em 20 do corrente compramos o bilhete n.º 1:986 o qual sahio premiado com o premio de um conto de réis e resolvemos concorrer com 10 % do dito premio.

Sirvam-se por isso V. Ex.ª receber esta importancia.

Lisboa, 22 de janeiro de 1909.

Manoel Rodrigues Pepulim, Salvador dos Santos, Manoel d'Oliveira Gomes Casca, Francisco Gomes Leite, Antonio Bazilio dos Santos, Pio dos Santos e Silva (de Vizéu) José Gomes da Silva.

Agradecimento

Anthero de Carvalho Magalhães, sinceramente reconhecido por todas as manifestações honrosas que lhe foram feitas pelos seus queridos conterraneos e mais habitantes de Ovar, no dia 17 de janeiro proximo passado; manifestações estas que ficarão eternamente gravadas no intimo do seu coração, ao lado da sublime e honrosissima mensagem que lhe foi entregue nos Paços da Camara; vem, por este meio, agradecer do fundo da alma aos bondosos e dignos habitantes de Ovar que tomaram parte nas referidas manifestações, e em especial, á Dignissima Commisão promotora de tão grandiosa como significativa homenagem; e á Illustrada Imprensa de Ovar, pela fórma sympathica e mui honrosa como se tem referido á sua humilde pessoa.

ANNUNCIOS

Concurso para construção de fabrica

Acceitam-se propostas, em carta fechada, até ao dia 10 do corrente mez de fevereiro, para construção d'uma fabrica na costa de S. Jacintho, em Aveiro.

O projecto e condições estão patentes no escriptorio. Em Espinho, da fabrica de Brandão, Gomes & C.ª

Carrelhas & Filho, Suc.ª

COM Armazens de Vinhos, Aguardentes, Geropigas e Vinagres

PARA

CONSUMO e EXPORTAÇÃO

TANHOARIA

Commissões

End. Teleg.—CARRELHAS

Rua das Figueiras

OVAR—Portugal

INDICAÇÕES PARA TODOS

Commercio

(Noticias da ultima semana)

CAMBIOS

No Porto: valor da libra, ouro, de 5\$510 a 5\$540 réis.
Valor da libra, papel, de 5\$470 a 5\$500 réis.

No Brazil: cambio—15 1/4—/ Londres, valor da libra, 15\$737 réis.

Custando no Brazil uma libra 15\$737 réis, produz em Portugal, ao cambio de 43 7/8—5\$500 réis.

Cada 100\$000 réis brasileiros, a esta taxa, produzem 34\$965 réis, moeda portugueza.

Preços dos Generos

No nosso mercado

SETUBAL

Arroz: 1.ª qualidade, 15 kilos. 1\$450 réis
» 2.ª » 15 » 1\$400 »

BAIRRADA

» 1.ª qual., 15 kilos. 1\$350 »
» 2.ª » 15 » 1\$300 »
» 3.ª » 15 » 1\$250 »

Batatas, 15 kilos 400 »

Centeio, 20 litros 820 »

Fava, 20 litros 750 »

Farinha de milho, 20 litros . 840 »

» trigo, 1.ª qual. kilo. 103 »

» 2.ª » » » 93 »

» cabecinha 62 »

» semente superfina. » » 40 »

» grossa 38 »

Feião vermelho, 20 litros . 1\$200 »

» branco, 20 » . 1\$160 »

» mistura, 20 » . 900 »

Milho branco, 20 » . 820 »

» amarello, 20 » . 760 »

Ovos, duzia 200 »

Tremoço, 20 litros 380 »

Azeite, 1.ª qual. litro. 280 »

» 2.ª » » » 250 »

» 3.ª » » » 230 »

Alcool puro, 26 litros. . . 6\$800 »

Aguardente de vinho, 26 litros. 3\$640 »

» bagaceira, 26 litros. 3\$120 »

» figo, 26 litros . . . 2\$100 »

Geropiga fina, 26 litros . . 2\$080 »

» baixa, 26 » . . . 1\$430 »

Vinho tinto, 26 litros. . . . 800 »

» branco, 26 » 900 »

» verde, 26 » 900 »

Vinagre tinto, 26 » 700 »

» branco, 26 » 900 »

Pescado

NO FURADOURO

Companha Boa Esperança — Rendimento de janeiro a dezembro de 1908 26:297\$300 réis

Companha do Socorro — Rendimento de janeiro a dezembro de 1908 16:662\$055 »

Companha S. José — Rendimento de janeiro a dezembro de 1908 14:487\$675 »

Companha S. Pedro — Rendimento de janeiro a dezembro de 1908 12:272\$325 »

Companha S. Luiz — Rendimento de janeiro a dezembro de 1908 7:388\$835 »

NOS CAMPOS

Rendimento de

Matadouro

No mez de
Rezes abatidas para o consumo:
.... Bois, com o pezo de . . . kilos
.... Vitelas, » » » » »
.... Porcos, » » » » »

Correio

Aberto todos os dias das 8 horas da manhã ás 9 da noite, excepto aos domingos, que fecha á 1 hora da tarde.

Registos e Valles até ás 5 horas da tarde.

Expede as malas para o Norte pelo comboio das 6,23 da manhã e 6,23 da tarde e para o Sul pelo das 7,52 da manhã e 10,13 da noite.

Continente, Ilhas, Africa e Hespanha

Cartas (sem limite de peso ou volume), cada 20 gr. ou fracção, Portugal e colonias. . 25 réis.

Idem (idem, idem), cada 15 gr. ou fracção, para Hespanha. 25 réis.

Jornaes (peso maximo 2:000 gr.) cada 50 gr. ou fracção. . 2 1/2 réis.

Impressos (peso maximo 2:000 gr.) cada 50 gr. ou fracção 5 réis

Manuscriptos (sem limite de peso ou volume)—Até 250 gr. 25 réis
Cada 50 gr. mais ou fracção 5 »

Amostras sem valor (peso maximo 250 gr.; dimensões 30 cm. de comprimento), cada 50 gr. ou fracção 5 réis

Brazil e mais paizes estrangeiros, excepto Hespanha

Cartas, até 20 gr. 50 réis
» cada 20 gr. ou fracção . 30 »

Bilhetes postaes: cada 20 »

Jornaes e impressos (peso maximo 2:000 gr.) cada 50 gr. ou fracção 10 réis

Jornaes para o Brazil, cada 50 gr. ou fracção 5 réis

Avisos de recepção—Cada um. 50 réis

Registo—50 réis, alem do porte, por cada objecto.

Cartas com valor declarado— Premio do seguro, alem do porte e premio do registo da carta: Continente, Ilhas e Ultramar, 20 reis por cada 20\$000 réis ou fracção.

Encomendas postaes—Volume maximo 25 decimetros cubicos, não podendo o seu comprimento ser superior a 60 centimetros, nem inferior a 10 centimetros.—Portugal (Continente e Ilhas) 200 réis até 3 kil.; 250 réis até 4 kil.; 300 réis até 5 kilos; (Africa) 400 réis 5 kilos.

Valles do correio—Portugal (Continente e Ilhas), 25 réis por 5\$000 réis ou fracção. Limite 500\$000 réis, 200\$000 réis, 100\$000 réis, conforme houverem de ser pagos nas sedes de districto, de comarca ou concelho.—Possesões portuguezas, 150 réis por 5\$000 réis ou fracção.

Os vales nacionaes teem o sello correspondente á quantia por que forem emitidos.

Telegrammas—Para o continente do paiz, 10 réis por palavra e 50 réis de taxa fixa.

Lei do Sello

RECIBOS PARTICULARES

De 1\$000 réis até 10\$000 réis. 10

» 10\$001 » » 50\$000 » . 20

» 50\$001 » » 100\$000 » . 30

» 100\$001 » » 250\$000 » . 50

Cada 250\$000 réis a mais ou fracção. 50

Valor não conhecido ou declarado. 500

Cheques ao portador 20

LETRAS DE CAMBIO

Sendo á vista e até 8 dias

De 1\$000 réis até 20\$000 réis. 20

» 20\$001 » » 50\$000 » . 50

» 50\$001 » » 250\$000 » . 100

Cada 250\$000 réis a mais ou fracção. 100

A mais de 8 dias de praso

De 1\$000 réis até 20\$000 réis. 20

» 20\$001 » » 40\$000 » . 40

» 40\$001 » » 60\$000 » . 60

» 60\$001 » » 80\$000 » . 80

» 80\$001 » » 100\$000 » . 100

Cada 100\$000 réis a mais ou fracção. 100

Sacadas no ultramar e no estrangeiro e pagaveis em Portugal

De 1\$000 réis até 20\$000 réis. 20

» 20\$001 » » 100\$000 » . 100

Cada 100\$000 réis a mais ou fracção. 100

Associação dos Bombeiros Voluntarios

Presidente da direcção—Dr. João Maria Lopes.

Thesoureiro — Angelo Zagallo de Lima.

Commandante — Dr. Joaquim Soares Pinto.

Toques de incendio

Ruas da Praça—Graça—S. Thomé—Ribas—Areal—Neves e Sant'Anna 4 Badaladas

Bairro dos Campos—Ruas do Loureiro—S. Bartholomeu e Lavradores. . . . 5 »

Ruas das Figueiras—Outeiro—Fonte—Oliveirinha—Lamarão e Motta 6 »

Bairro d'Arruella até á Poça 7 »

Ruas do Bajunco—S. Miguel—Lagôa—Nova—Velha—Pinheiro e Brejo. . . . 8 »

Ponte Nova—Ponte Readada e Sobral 9 »

Estação e Pellames. 10 »

S. João—Cima de Villa e logares vizinhos. 11 Badaladas
Ribeira 12 »
Assões—Granja e Guilhovae 13 »
Furadouro 14 »
Para cessar — 3 badaladas.

Associação de Socorros Mutuos

Presidente da direcção — Dr. Antonio d'Oliveira Descalço Coentro.

Thesoureiro — Antonio da Cunha Farraia.

Cartorario — Manoel Augusto Nunes Branco.

Medico — Dr. Salviano Pereira da Cunha.

Esta associação tem por fim exclusivo socorrer os socios doentes ou temporariamente impossibilitados de trabalhar e concorrer para o funeral do associado que fallecer.

Commissão de Beneficencia Escolar

Presidente — Dr. Pedro Virgolino Ferraz Chaves.

Secretaria — D. Gracinda Augusta Marques dos Santos.

Thesoureiro—Dr. João Maria Lopes.

Esta commissão tem por fins dar ás creanças extremamente pobres da freguezia, livros, papel, tinta, pennis, lapis, etc.; distribuir vestuario e calçado, alimentação, estabelecer colonias sanitarias, promover a vulgarisação da instrucção e tornar efectiva a obrigatoriedade do ensino primario.

Armazens de Vinhos

Affonso José Martins.
Antonio da Silva Brandão Junior.
Carrelhas & Filho, Successor.
Manoel Ferreira Dias.
Manoel Soares Pinto.

Agentes Bancarios

João José Alves Cerqueira, do Banco Commercial de Lisboa.

João da Silva Ferreira, de Joaquim Pinto Leite e Pinto da Fonseca & Irmão.

Joaquim Ferreira da Silva, dos Bancos: Alliança, Minho e Commercial do Porto.

Agentes de Seguros

Carrelhas & Filho, Successor, da Companhia «Portugal».

João José Alves Cerqueira, das Companhias «Indemnizadora» e «Probidade».

João da Silva Ferreira, da Companhia «Garantia».

Joaquim Ferreira da Silva, das Companhias «Fidelidade» e «Union y el Fenix Hespánico».

José Luiz da Silva Cerveira, da Companhia «Internacional».

Constructores de Fragatas

João d'Oliveira Gomes, João d'Oliveira Gomes Silvestre.

Depositos de Azeite

Affonso José Martins, José Ferreira Malaquias, José Rodrigues Figueiredo, Manoel Valente d'Almeida.

Exportadores de Sardinha

Antonio Augusto Fragateiro, Antonio Pereira de Carvalho, Joaquim Valente d'Almeida.

Fabricas

A Varina (conservas alimenticias) — Ferreira, Brandão & C.ª, Moagem de Cereaes—Suares Pinto & C.ª, Limitada Ceramica—Peixoto, Ribeiro & C.ª

Feiras Mensaes

De gado vaccum e suino a 12, de gado vaccum e cavallar a 24 e 29, e a 13 em Vallega.

Hoteis e Hospedarias

«Cadete»—Estação, «Canastreiro» — Rua de St.ª Anna, «Central» — Rua da Praça, «Cerveira» — Furadouro, «Jeronymo» — Largo do Ch. fariz, «Nunes Lopes» — Rua dos Campos.

Lojas de Fazendas

João Alves — Praça, João Costa — Praça, José Garrido — Rua dos Campos.

Mercearias

Abilio José da Silva—Ponte Nova, Francisco de Mattos—Praça, José Gomes Ramillo — Rua do Bajunco, José Luiz da Silva Cerveira — Praça, José Maria de Pinho Valente—Rua da Graça, Manoel Valente d'Almeida—Praça, Pinho & Irmão—Praça, Viuva de José de Mattos—Poça Viuva Salvador—Largo do Chafariz, Tarujo & Laranjeira—Rua da Graça.

Negociantes de Cereaes

Domingos da Fonseca Soares, Francisco Correia Dias, Manoel Fernandes Teixeira, Manoel da Silva Bonifacio & C.ª, Salvador & Irmão.

Recebedoria

Recebedor — Antonio Valente Com padre.

Aberta todos os dias uteis, das 9 horas da manhã ás 3 da tarde.

Tanoaria

Carrelhas—Rua das Figueiras.

Vendedores de Cal

Manoel da Cunha e Silva, Manoel d'Oliveira da Cunha.

HORARIO DOS COMBOYOS

DO PORTO A OVAR E AVEIRO DESDE 5 DE NOVEMBRO

Comboyos	Tr.	Om.	Tr.	Rap.	Tr.	Exp.	Tr.	Rap.	Tr.	Cor.	
MANHÃ	S. Bento	5,19	6,35	7	8,50	9,39	2,45	3,33	5	5,40	8,45
	Espinho	6,20	7,30	8	9,28	10,48	3,40	4,31	5,39	6,41	9,46
	Esmoriz	6,36	7,38	8,16	—	11,2	—	4,46	—	6,58	9,53
	Cortegaça	6,42	—	8,22	—	11,7	—	4,52	—	7	—
	Carvalh.ª	6,48	—	8,28	—	11,11	—	4,59	—	7,11	—
	OVAR	6,58	7,52	8,38	—	11,22	3,59	5,9	—	7,22	10,13
	Vallega	—	7,57	—	—	11,29	—	—	—	7,29	—
	Avanca	—	8,2	—	—	11,35	—	—	—	7,36	—
	Aveiro	—	8,36	—	10,6	12,16	4,37	—	6,14	8,17	10,55
	TARDE										

DE AVEIRO E OVAR AO PORTO

Comboyos	Tr.	Cor.	Tr.	Tr.	Tr.	Rap.	Tr.	Om.	Rap.	Om.	
MANHÃ	Aveiro	3,54	5,45	—	—	11	2,5	—	5,34	9,55	10,23
	Avanca	4,37	—	—	—	11,39	—	—	6,9	—	—
	Vallega	4,43	—	—	—	11,43	—	—	6,14	—	—
	OVAR	4,51	6,23	7,20	10,10	11,54	—	5,85	6,23	—	11,4
	Carvalh.ª	5,2	—	7,31	10,21	12,4	—	5,46	—	—	—
	Cortegaça	5,7	—	7,36	10,26	12,8	—	5,51	—	—	—
	Esmoriz	5,13	6,37	7,42	10,33	12,13	—	5,57	6,38	—	11,18
	Espinho	5,30	6,46	7,59	10,51	12,30	2,39	6,14	6,51	10,34	11,28
	S. Bento	6,24	7,47	9,2	11,54	1,47	3,18	7,15	8,1	11,16	12,26
	TARDE										